

ADOLESCÊNCIA, ESCOLA E ENFERMAGEM: UMA INTERAÇÃO PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE

Bianca B. Thomas¹, Luiz Henrique B. Nascimento¹, Victoria Maria N. Costa¹, Bianca Lacchine Paula², Joyce Karolina Ribeiro Baiense³, Vera Cristina Woelffel Busato³, Laêmecy Emanuelle Gonçalves Martins³, Diego Rangel Sobral³, Nathalia de Paula Doyle Maia Marchesi³

¹ Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

² Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

³ Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

RESUMO

A educação em saúde é considerada uma importante ferramenta para o aumento do conhecimento e práticas relacionadas aos comportamentos saudáveis dos adolescentes. O profissional de enfermagem exerce um papel relevante frente as ações educativas de saúde aplicada no ambiente escolar. Desse modo, o estudo tem como objetivo apresentar estratégias utilizadas pela enfermagem no âmbito escolar para a prática da promoção em saúde frente às principais problemáticas que acometem a adolescência. O estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura nas bases BDEnf e LILACS. A partir da análise bibliográfica, foi possível visualizar que por meio de ações educativas, escuta ativa e do olhar holístico sobre o adolescente, o indivíduo torna-se apto a mitigar e entender seus problemas de saúde. Dessa forma, verificou-se que além da equipe de enfermagem é necessário o trabalho conjunto de uma equipe interdisciplinar para atuação na educação em saúde, com o objetivo de identificar situações de risco e desenvolver ações educativas em parceria com a comunidade e familiares.

Palavras-chave: adolescente, enfermagem, promoção de saúde em escola.

INTRODUÇÃO

Paulo Freire, educador brasileiro, importante protagonista no movimento de educação popular, explicita que a educação é uma ferramenta transformadora e a formação da consciência crítica permite ao indivíduo questionar suas situações individuais ou sociais, tornando-os ativos no contexto em que vivem (Freire, 2007). Freire ainda afirmava que a conscientização é o primeiro pilar de construção da educação e o elemento impulsionador de todo seu pensamento. Dessa forma, o estudante deixa de ser apenas um objeto passivo de conhecimento e torna-se um sujeito ativo e participativo de seu próprio aprendizado.

Dado o seu foco educacional, Farias et al. (2016) relatam que a escola é um local de grande potencial para influenciar uma quantidade considerável de pessoas e conseguir alterar comportamentos e rotinas. Por isso, historicamente, os problemas relacionados à saúde humana fazem parte da vida escolar brasileira desde os primórdios, por vezes ocupando parcela significativa da carga horária de diversas disciplinas e envolvendo diversos atores escolares, descrevem os autores. Diante disso, o educador exerce influência no campo de práticas da educação em saúde, pois suas ideias abrangem a participação e o saber popular à área, tornando o processo educativo mais democrático (Freire, 2007).

Assim, a educação em saúde nas escolas se torna responsável por incentivar o aluno a adotar atitudes e valores que levem a um “comportamento inteligente”, de

forma a criar hábitos em prol do autocuidado e da saúde coletiva (MARCONDES, 1972). Segundo o autor, a escola deixa de ser um ambiente que se limita apenas em transmitir o conhecimento para o aluno e passa também a se preocupar em motivar o adolescente a aprender, participar e avaliar criticamente as fontes de informações. Por conseguinte, a promoção da educação em saúde no ambiente escolar deve ser adequada às necessidades e conhecimentos dos adolescentes, a fim de torná-los capazes de compreender a importância dos cuidados à saúde (BRASIL et al., 2017). Desse modo, convém ressaltar a definição de adolescência e os indivíduos contemplados por essa designação, para que seja possível atender às necessidades e conhecimentos dessa faixa etária, visando nortear os cuidados em saúde. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado em 1990, considera adolescente o indivíduo entre os doze e dezoito anos de idade. Já para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência abrange a faixa etária entre 10 e 19 anos, cronologicamente, e é considerada uma etapa de desenvolvimento que se inicia no período conhecido como puberdade, até o começo da idade adulta (OPAS, 2019). Fato é que a adolescência é uma fase marcada por diversas transformações e vulnerabilidade, onde o indivíduo que era criança outrora, se empenha em tornar-se um adulto em busca de sua identidade pessoal (OPAS, 2019). É um período de grandes adaptações, no qual os adolescentes passam por mudanças significativas, tanto físicas, quanto sociais e cognitivas (BRASIL, 2018).

Davim (2009) considera a adolescência como um período de vulnerabilidade, pois é nessa fase que os indivíduos enfrentam uma variedade de problemas, entre eles: sedentarismo, obesidade, desenvolvimento de transtornos alimentares, risco do uso de drogas ilícitas, gravidez não planejada, risco de contrair Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), morte frente a violências e problemas relacionados a saúde mental. Diante disso, o MS resalta a importância de um olhar baseado na integralidade do adolescente, visando realizar ações educativas e conscientizadoras sobre educação e saúde acerca desses temas (BRASIL, 2018).

Desse modo, a criação de políticas de saúde escolar voltadas para o cuidado integral com foco em conscientizar e educar em saúde é de extrema importância no desenvolvimento cognitivo e social dos adolescentes e crianças. Visto isso, foram criadas no Brasil estratégias de promoção e prevenção em saúde integrando os equipamentos de atenção básica às escolas. Para isso, foi instituído, em 2007, o Programa Saúde na Escola (PSE), que organiza as ações de saúde e educação direcionadas aos estudantes nas escolas da rede pública do país. Assim, criando um compromisso intersetorial, que inclui diversos profissionais da área da saúde dentro do ambiente escolar (BRASIL, 2007).

Ademais, a prevenção em saúde, de acordo com Leavell e Clark (1976), exige uma ação antecipada e baseada no conhecimento da história natural, a fim de tornar improvável o progresso da doença. As ações preventivas visam evitar o surgimento de doenças específicas através de intervenções direcionadas, explicam os autores. Por outro lado, a promoção de saúde é definida pelos autores como uma configuração mais ampla, pois devem proporcionar um aumento na qualidade de vida e bem-estar das populações de forma intersetorial, uma vez que atravessa uma perspectiva local

e global, além de incorporar elementos físicos, psicológicos e sociais.

Desta maneira, a partir da conceituação das ações de prevenção e promoção de saúde, é possível notar que a Atenção Primária a Saúde (APS) é conhecida como uma porta de entrada para os primeiros atendimentos à saúde da população. Sendo realizada nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), tendo a Estratégia de Saúde da Família (ESF) como parceira, possuem o papel de organizar as intervenções de promoção e prevenção em saúde, levando serviços multidisciplinares a comunidade (BRASIL, 2007).

Sendo assim, a educação em saúde foi incorporada à prática da enfermagem nas UBS como forma de estabelecer uma relação de diálogo e reflexão entre o profissional de enfermagem e o paciente, em que o primeiro busca conscientizar o segundo sobre sua situação de saúde-doença para que esse reconheça que sua própria saúde está sujeita a alterações. Dessa forma, é essencial que as atividades educativas sustentem uma abordagem criativa que facilite a aprendizagem individual e em grupo, promova a autonomia, a capacidade de autorreflexão e o pensamento crítico no cuidado de si e dos outros (COSTA; FIGUEREDO; RIBEIRO; 2013).

Desse modo questiona-se “diante da importância da educação em saúde no âmbito escolar, como a enfermagem pode contribuir na promoção de saúde frente às principais problemáticas que acometem a adolescência?”. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo apresentar estratégias utilizadas pela enfermagem no âmbito escolar para a prática da promoção em saúde frente às principais problemáticas que acometem a adolescência.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa que, de acordo com Mendes et al. (2008) abrange a síntese de estudos existentes sobre um determinado tema e, adicionalmente, realiza levantamentos significativos sobre problemáticas, o conhecimento existente e a necessidade de novos estudos. Segundo os autores, para a elaboração desse tipo de estudo é preciso seguir alguns passos sequenciais: inicialmente é de suma importância estabelecer a questão norteadora da pesquisa ou a hipótese. Em seguida, deve-se elencar as amostras ou busca da literatura nas bases de dados, com o uso de critérios de inclusão e exclusão. Após esse processo, é necessário categorizar os estudos, extraíndo as informações principais para formulação dos dados, a fim de realizar a avaliação criteriosa dos estudos incluídos na revisão e a interpretação dos resultados, da discussão e sugestões. Por fim, os dados coletados deverão ser sintetizados de forma a detalhar e descrever de forma resumida as evidências atuais disponíveis.

Seguindo a metodologia, a pergunta norteadora da pesquisa foi: “diante da importância da educação em saúde no âmbito escolar, como a enfermagem pode contribuir na promoção de saúde frente às principais problemáticas que acometem a adolescência?”.

Para seleção dos artigos na literatura, a pesquisa foi realizada utilizando as

seguintes bases de dados informatizados: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS): Literatura Latino-Americana em Ciências em Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Base de Dados de Enfermagem (BDENF), e Scientific Electronic Library Online (SciELO), no período de agosto a setembro de 2023.

Foram utilizados os seguintes descritores: Promoção de saúde em escola; Adolescente; Enfermagem; combinados com o operador booleano *AND*.

Para as escolhas das produções científicas foram definidos os seguintes critérios de inclusão: artigos que abordassem a temática e estivessem publicados na íntegra, artigos atuais e disponíveis em português de forma gratuita. Quanto aos critérios de exclusão estabelecidos foram: artigos que não apresentavam os fatores de inclusão mencionados; artigos em duplicidade entre as bases de dados utilizadas; trabalhos que disponibilizam somente resumos; relatos de experiência devido ao baixo nível de evidência científica; teses e dissertações.

O recorte temporal foi de 10 anos de publicação, ou seja, trabalhos publicados entre 2013 e 2023. Todos os trabalhos encontrados foram selecionados e avaliados de acordo com os critérios acima expostos.

DESENVOLVIMENTO

Atribuições da escola na educação em saúde e a criação do Programa Saúde na Escola (PSE)

A escola desempenha um papel importante na formação dos alunos, pois ela é um espaço no qual o adolescente permanece uma parcela considerável do seu dia. Nesse sentido, a instituição se torna um local propício para prática da promoção em saúde, identificação de agravos, trabalhos de prevenção de doenças e estímulos de comportamentos saudáveis. Por conseguinte, a maior parte das enfermidades e comportamentos de risco podem ser significativamente reduzidos por meio da educação em saúde, pois a construção da escola como um espaço saudável e seguro facilita a prática de hábitos conscientes e saudáveis (ROSA et al., 2017).

Assim, a educação em saúde é uma ferramenta dinâmica que contribui para gerar uma melhoria na qualidade de vida dos alunos, uma vez que compreende o panorama geral do seu contexto de vida e saúde. Esse olhar engloba diversos aspectos que incluem a educação, emprego, renda, cultura, lazer e hábitos de vida dos adolescentes. Dessa forma, as atividades educativas funcionam como um mecanismo importante para garantir a autonomia e a independência da população jovem (DIAS et al., 2022).

Deste modo, em 5 de dezembro de 2007, durante o mandato presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, foi instituído o decreto nº 6.286, que criou o Programa Saúde na Escola (PSE), que visa reforçar as ações de educação em saúde e corroborar para a formação integral dos alunos da rede de escolas públicas de educação básica, por meio de ações de prevenção, atenção e promoção à saúde. Dessa forma, o PSE trabalha no fortalecimento de ações de saúde e educação para combater as vulnerabilidades e enfermidades que comprometem os estudantes (BRASIL, 2007).

Desde sua criação, o propósito do PSE é viabilizar iniciativas de integração da saúde e educação voltadas ao público infante juvenil dentro do ambiente escolar. O programa visa o desenvolvimento da cidadania e da qualificação das políticas públicas brasileiras nas escolas, de modo a considerar os diferentes contextos de vida, necessidades e realidades dos alunos. A iniciativa é uma das principais políticas públicas que contemplam o trabalho com adolescentes e tem como eixo o fortalecimento da articulação das escolas com a estratégia de saúde e segurança da família (DOS ANJOS et al., 2022).

Apesar de existir certa preocupação do Governo Federal com a saúde dos estudantes, a responsabilidade de organização do PSE é dos Secretários Municipais e Estaduais de Educação e Saúde, ficando a critério deles a escolha de escolas e municípios a serem atendidas pelo programa, relata Rosa (2017). Segundo o autor, uma parcela considerável das instituições escolares não conta com ações de promoção de saúde em seu currículo, o que acarreta a ausência de práticas de acompanhamento do desenvolvimento e construção de hábitos saudáveis no cotidiano das crianças e adolescentes.

Ademais, ainda que existam fragilidades na relação entre os serviços de saúde e as escolas, ambas as partes são amplamente vistas como necessárias para a implementação bem-sucedida de iniciativas de educação em saúde. Com o propósito de ampliar a abrangência e a efetividade das ações de saúde junto aos estudantes e suas famílias por meio de ações intersetoriais, o PSE foi concebido especificamente para atender a essa necessidade de articulação e integração dos dois setores, educação e saúde (FARIAS et al., 2016). É a partir da articulação e integração da UBS por meio da ESF com as unidades escolares que o programa foi criado com o intuito de realizar ações de promoção e prevenção além da atenção e educação em saúde, tornando assim a assistência em saúde à comunidade escolar mais eficaz (COSTA; FIGUEREDO; RIBEIRO; 2013).

Vale ressaltar que a equipe de saúde da atenção básica, que compõe o PSE, é formada por diversos profissionais, como: enfermeiro, técnico de enfermagem, médicos, psicólogos, assistentes sociais e dentistas. Desse modo, esse grupo pode atuar como um dos principais mediadores dentro do ambiente escolar, por meio da proposta de estratégias que ofereçam caminhos de transformação não somente para o público-alvo, como também para a comunidade. Dessa forma, os profissionais envolvidos nas ações de educação em saúde buscam compreender as principais enfermidades que podem ocorrer no período da adolescência, com o objetivo de elaborar ações de prevenção, promoção e conscientização de saúde e implementá-las de modo satisfatório (COSTA; FIGUEREDO; RIBEIRO; 2013).

Ademais, embora não exista um perfil exato de profissional de saúde para o atendimento aos adolescentes, algumas características são essenciais para uma comunicação efetiva, afirma o MS. O órgão salienta que é crucial que o profissional esteja atento ao adolescente e tenha a habilidade de formular perguntas que auxiliem a conversação, buscando entender sua perspectiva. Além disso, é preciso estar disposto a atender o adolescente e sua família sem autoritarismo e verdades concretas, para evitar qualquer tipo de julgamento, especialmente em temáticas como

uso de drogas, bebidas alcoólicas e sexualidade (BRASIL, 2018).

Principais problemáticas de saúde que acometem a adolescência

A adolescência é um período complexo e significativo que possui consideráveis mudanças e etapas importantes para o desenvolvimento pessoal e social do ser humano. Nesse período, os indivíduos estão passando pela transição da infância para a vida adulta, buscando sua independência e identidade pessoal, sendo esse um fator crucial para a transição do adolescente em um jovem adulto responsável e prudente (FARIAS; NOGUEIRA, 2019).

Assim, diante desse período de transição, muitos problemas podem ser encontrados. Conforme estudo de Guedes; Almeida e Moraes (2019), o sobrepeso e a obesidade são exemplos de enfermidades recorrentes no período da adolescência, visto que os casos nessa faixa etária têm aumentado nos últimos anos. Os autores relatam que, com isso, é preciso implementar estratégias para identificar e acompanhar os adolescentes com mudanças drásticas no peso e alimentação não balanceada.

Guedes; Almeida e Moraes (2019), em seu estudo ainda identificam que mais de 50% dos adolescentes já experimentaram ou fazem uso frequente de bebida alcoólica. Conforme Ferreira et al. (2019), os fatores associados à ingestão precoce de bebidas alcoólicas pelos adolescentes podem estar relacionados à família, influência de grupos de amigos e as mídias sociais. Apesar da venda de bebidas alcoólicas ser proibida para menores de dezoito anos de idade, os adolescentes acreditam que o álcool não possui tantos malefícios à saúde como as drogas ilícitas, o que também contribui para o seu uso precoce, concluem os autores.

Além disso, outra problemática de saúde que acomete essa fase da vida está relacionada à saúde sexual e reprodutiva do adolescente, que é pauta de destaque nas políticas públicas que englobam esses indivíduos. Carvalho; Jardim e Guimarães (2019) declaram que as crianças e adolescentes têm iniciado a vida sexual gradativamente mais cedo, antes mesmo do desenvolvimento fisiológico e amadurecimento psicológico, social e financeiro. De acordo com os autores, como resultado disso, é possível observar a gravidez na adolescência e o aumento nos casos de IST's, um exemplo disso é a doença causada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), popularmente conhecida como AIDS. Isso demonstra a importância da realização de um plano que conscientize acerca das consequências advindas desses eventos, concluem os autores.

Diante disso, a educação sexual se tornou fundamental para que os adolescentes se sintam mais seguros no processo de autoconhecimento de sua própria sexualidade e possam contar com o apoio de adultos de referência (família, professores ou profissionais de saúde). Dessa forma, é essencial promover a disseminação de informações corretas sobre o assunto e, assim, contribuir para que os adolescentes tenham uma vida sexual saudável, livre de dúvidas e medos. Entretanto, uma parcela considerável dos pais ainda encontra dificuldades em falar sobre o tema com seus filhos e acabam transferindo essa responsabilidade apenas para a escola. Nas escolas, a educação sexual é discutida com o enfoque biológico, desprezando a

parte psicossocial e cultural, o que demonstra que a temática ainda não é explorada de maneira efetiva pelos professores e encontra-se cercada de tabus (SAITO; LEAL, 2000).

Outro problema encontrado no período da adolescência é o desenvolvimento de Transtornos Alimentares (TA). Segundo Arantes (2011), a anorexia e a bulimia são doenças que afetam principalmente adolescentes, especialmente jovens do sexo feminino, devido às pressões sociais e estéticas. Conforme demonstra o estudo de Brandt et al. (2019), metade das adolescentes que participaram de sua pesquisa mostraram alto risco de bulimia e comportamentos indicativos de compulsão alimentar. Vale ressaltar que tanto a anorexia quanto a bulimia podem causar danos à saúde, incluindo complicações metabólicas, sequelas psicossociais, transtornos afetivos, depressão e ansiedade, concluem Arantes (2011).

Dessa maneira, fica evidente que as alterações físicas e emocionais vividas pelo adolescente podem provocar instabilidade emocional e o surgimento de condições psicológicas. A ansiedade é uma emoção comum que costuma aparecer diante de uma situação inesperada, mas que pode se tornar uma patologia quando se manifesta de forma frequente no cotidiano do adolescente, o que culmina em uma série de prejuízos a ele, principalmente no que tange a sua concentração e seu desenvolvimento durante o processo de aprendizagem. Isso pode acontecer porque o adolescente passa por alterações no seu corpo, conflitos na relação com os pais durante sua busca por independência e autonomia, inseguranças em relação ao seu meio social, escolar e na relação com seus companheiros (BRITO, 2011).

Outro problema que pode ocorrer no período da adolescência é o suicídio. Um estudo realizado em 2014 pela OMS apontou o suicídio, no intervalo etático de 15 a 29 anos, como um problema de saúde pública em diversos países. Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), o autoextermínio é a quarta maior causa global de mortes entre esses jovens (OPAS, 2021).

Em suma, a adolescência é considerada uma fase vulnerável para muitos autores, e essa vulnerabilidade somada a transtornos mentais, violência, álcool, uso de drogas ilícitas, situação socioeconômica e abuso físico ou sexual são os maiores fatores de risco para a motivação suicida. É importante salientar que esses pontos, isoladamente, não são preditores das ideações suicidas, mas suas consequências podem aumentar a vulnerabilidade desses indivíduos, instigando o comportamento suicida (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2016).

Atuação da enfermagem no ambiente escolar: estratégias e ações desenvolvidas

São inúmeras as formas de transmitir conhecimento sobre saúde para os estudantes. O MS destaca que os principais eixos que serão trabalhados pela equipe de saúde, incluindo a enfermagem, na organização da atenção integral à saúde do adolescente, são: avaliação das condições de saúde de jovens, adolescentes e crianças que frequentam instituição de ensino pública; promoção da saúde e atividades de prevenção; educação permanente e capacitação dos profissionais da educação e da saúde e de jovens; acompanhamento e avaliação da saúde dos

estudantes e do programa no geral (BRASIL, 2018).

Como explicitado, as linhas de ação do PSE são desenvolvidas por uma equipe interdisciplinar composta por médicos, enfermagem, psicólogos, assistentes sociais e dentistas. Elas podem ser pautadas nos acompanhamentos do crescimento e do desenvolvimento físico e psicossocial do adolescente, de forma a respeitar um recorte de território e contexto social, além de buscar estabelecer uma relação de confiança e cuidado entre profissionais de saúde e adolescentes (BRASIL, 2018).

Para melhor abordagem dos profissionais com o público adolescente, Firmino et al. (2018) relatam que é importante frisar a Teoria das Relações Interpessoais desenvolvida por Hildegard Peplau, que aponta a importância da criação de vínculo entre paciente e profissional a fim de que repercuta em ganhos, sendo possível a identificação do problema em questão. A Teoria é construída a partir de seis pilares, sendo eles a autoconsciência, o não-julgamento, a empatia, a assertividade, a cordialidade e a ética, explicam os autores.

Firmino et al. (2018) ainda afirmam que os pilares supracitados podem ser de extrema importância como princípio para o estabelecimento de vínculo e aprimoramento da comunicação eficaz entre profissionais de enfermagem e os adolescentes envolvidos no PSE. As habilidades técnicas e conhecimentos científicos aos quais os profissionais de enfermagem são detentores precisam ser combinados com ferramentas e estratégias de ensino-aprendizagem, para que seja possível estabelecer uma relação de cuidado e transformação no ambiente escolar, ponderam os autores. Em conformidade, Santos et al. (2020) evidenciam que esses pilares devem ser combinados com o aprimoramento das habilidades de comunicação do profissional com a utilização de linguagem oportuna, postura adotada, conhecimento de estratégias que podem facilitar a aproximação e dinâmicas que condizem culturalmente com as necessidades dos adolescentes.

Segundo Firmino et al. (2018), a classe profissional que possui contributo em sua índole devido a sua proximidade ativa, é a enfermagem, destacando a importância da atuação do enfermeiro, profissional esse que detém conhecimento, competência e habilidade para planejar e prestar um acolhimento de qualidade a esses adolescentes. Por meio da interação entre a enfermagem e a educação, é possível transmitir conhecimento científico de forma efetiva, empática e que considera a realidade do aluno, relatam Guimarães et al. (2022). Assim, torna-se possível realizar um monitoramento do desenvolvimento sadio do adolescente. A integração da enfermagem no âmbito escolar não traz apenas benefícios à saúde, ela contribui para tornar o ambiente mais seguro e acolhedor, concluem os autores.

Dessa maneira, as estratégias e ferramentas de ensino-aprendizagem utilizadas pelo profissional de enfermagem para desenvolver as atividades no âmbito escolar buscam combinar a troca de experiências entre os estudantes e estimular a reflexão, autoanálise, autonomia e responsabilidade social e ambiental. Conseqüentemente, o enfermeiro se torna um dos principais mediadores de propagação da educação em saúde, por ser um educador preparado para propor estratégias inovadoras que tenham como objetivo oferecer caminhos que possibilitem transformações do escolar, suas famílias e o corpo social no qual estão inseridos (FERNANDES et al., 2019).

Diante disso, a visão do profissional de enfermagem como educador em saúde deve estar atrelada a valorização do diálogo e da escuta ativa como ferramentas fundamentais para o estabelecimento de uma relação de confiança e respeito com o adolescente. Assim, é possível criar um ambiente acolhedor e seguro para que o indivíduo possa esclarecer suas dúvidas e receber orientações adequadas (GUIMARÃES et al., 2022; FERNANDES et al., 2019).

Vale ressaltar que o trabalho e as ações do enfermeiro devem estar diretamente relacionados ao desenvolvimento da autonomia do adolescente em relação ao cuidado da sua saúde. O enfermeiro traz de sua formação o conhecimento científico e as habilidades que o tornam qualificado para atuar como educador em saúde no âmbito escolar. Diversas atividades podem ser desenvolvidas pelo profissional dentro das escolas, desde o diagnóstico e correção de situações de risco, até propostas de atividades relacionadas à promoção da saúde (GUIMARÃES et al., 2022).

Outrossim Firmino et al. (2018) relatam que, nestas condições, é fundamental que o enfermeiro estimule a contextualização e problematização da realidade que é vivenciada pelos adolescentes. Os autores salientam que esses estímulos devem ser realizados por meio de uma escuta sensível, na qual o profissional poderá identificar possíveis vulnerabilidades e poderá buscar desenvolver ações voltadas para o fortalecimento do protagonismo e da resiliência do adolescente. Essa escuta pode ser realizada utilizando-se principalmente o não-julgamento e o olhar empático, pilares da teoria de Peplau, como supracitado. É notório que algumas técnicas e ferramentas de estabelecimento de vínculo são características fundamentais para o profissional de saúde que irá atuar com adolescentes, afirmam os autores.

Dessa forma, o olhar holístico e empático sobre o adolescente faz com que a assistência prestada se torne mais efetiva. E para que essa “engrenagem” funcione, o profissional de enfermagem pode contar com a ajuda de sua equipe interdisciplinar, educadores e a comunidade (BRASIL, 2018).

Ademais, a equipe de saúde atuante nos ambientes escolares, deve possuir preparação técnica para ensinar sobre processos de saúde e prevenção de doenças. No entanto, para driblar a realidade atual em constante mudança, a formação desses profissionais deve prepará-los não só com conhecimentos técnicos e científicos, mas também com a compreensão das necessidades das instituições de ensino, de forma a alinhar os interesses de ambas as partes e contribuir para um processo educacional efetivo. Assim, é igualmente crucial incentivar as instituições a promoverem formações que permitam que os futuros profissionais de saúde aprofundem e/ou melhorem os seus conhecimentos, competências, atitudes e comportamentos profissionais neste contexto (PEREIRA; ESCOLA; ALMEIDA, 2020).

Desse modo, Gonçalves et al. (2020) destacam a importância de existir uma capacitação contínua do profissional enfermeiro além de sua formação, para que seja possível identificar as necessidades de saúde da população e desenvolver ações educativas que atendam às demandas específicas de cada grupo, para que uma assistência de qualidade seja prestada a eles. Para isso, é necessário que o profissional tenha conhecimento sobre a epidemiologia das doenças, políticas de saúde e estratégias de prevenção e promoção da saúde, ponderam os autores.

Ao realizar a busca pelos artigos na base de dados BVS, utilizando os descritores supracitados foram identificadas 903 publicações. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão restaram 98 artigos. Em seguida, depois de uma breve leitura dos títulos e resumos, foram identificados 21 artigos que abordavam o assunto de interesse para o trabalho. Então realizada a leitura minuciosa dessas publicações, foram selecionados 10 artigos que apresentavam as temáticas para a realização desta pesquisa.

Os artigos utilizados estão dispostos no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Publicações de artigos por período analisado

BASE	TÍTULO	AUTORES/ ANO	OBJETIVO	MÉTODO	PRINCIPAIS RESULTADOS
LILACS BDENF	Insatisfação com a imagem corporal, uso de drogas e fatores associados entre adolescentes em três cidades brasileiras	ROCHA et al., 2022	Analisar a associação entre uso de drogas e a insatisfação com a imagem corporal de adolescentes em três cidades brasileiras.	Estudo transversal	Os adolescentes tinham entre 12 e 14 anos e cerca de 69,9% relataram insatisfação corporal, e no último ano 35,67% utilizaram álcool. A insatisfação por sobrepeso foi maior nas meninas (41,5%) e por baixo peso nos meninos (33,1%). Os adolescentes que usavam maconha apresentaram 39% (OR=1,39) mais chance de insatisfação por baixo peso e ser menina aumentou em 24% (OR=1,24) as chances de insatisfação por sobrepeso.
MEDLINE	Ações de promoção da saúde no Programa Saúde na Escola no Ceará: contribuições da enfermagem	SILVA et al., 2021	Comparar as ações de promoção da saúde realizadas pelas equipes de Saúde da Família no Ceará, vinculadas ao Programa Saúde na Escola.	Estudo transversal	Os entrevistados foram enfermeiros (95,6% e 98,3%). Entre os ciclos, houve aumento da avaliação clínica (78,7% e 91,3%), promoção da saúde e prevenção de doenças (82,5% e 89,3%) e levantamento de alunos para acompanhamento (41,4% e 66,4%) nas escolas.
BDENF	Educação em saúde: atuação da enfermagem no ambiente escolar	ASSUNÇÃO et al., 2020	Investigar as principais estratégias de educação em saúde utilizadas no ambiente escolar pelos profissionais de enfermagem.	Estudo bibliográfico, descritivo, do tipo revisão de literatura	Inicialmente, foram identificadas 241 publicações, das quais 39 artigos foram selecionados com base nos critérios de inclusão. Desses, seis artigos abordaram a construção coletiva de significados e aprendizado por meio de metodologias como rodas de conversas, oficinas, participação grupal e jogos educativos.

LILACS, BDNF	Subjetividades de adolescentes face à promoção da saúde: contribuições para a enfermagem	MILOSKY et al., 2020	Desvelar os sentidos do adolescente acerca do cuidado de si no contexto da promoção da saúde e enfermagem.	Pesquisa de abordagem fenomenológica Heideggeriana	Acerca do cuidado de si, os adolescentes significaram ir ao médico só quando precisa, saber que tem que cuidar da saúde, mas não fazer exercício nem se alimentar de modo saudável e cuidar da saúde agora porque no futuro pode ter problema. Dos participantes, 68% afirmaram desenvolver atividade física durante as aulas de educação física e 30% afirmaram consumir álcool.
MEDLINE	Saúde na escola: percepções sobre ser adolescente.	FAIAL et al., 2019	Compreender a percepção de adolescentes sobre saúde escolar.	Pesquisa qualitativa, descritiva, fundamentada na fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty	A saúde escolar está vinculada às práticas higienistas e ao modelo assistencialista hegemônico. No entanto, a partir das respostas obtidas foi possível perceber que os adolescentes, atribuem sentidos e significados à prática de atividade física e educação em saúde, integrando e ampliando estratégias comportamentais e hábitos saudáveis.
LILACS, BDNF	Ações de autocuidado na saúde escolar: revisão integrativa	MENDIETA et al., 2019	Analisar publicações científicas para conhecer as ações de autocuidado em saúde realizadas no âmbito escolar.	Revisão integrativa	Totalizaram a amostra da revisão integrativa 25 estudos, todos da base de dados PubMed, que possibilitaram compreender as ações de autocuidado em saúde no âmbito escolar, por meio de três temas principais ações e programas escolares com foco em doenças, metodologia das ações nas escolas e papel da enfermagem no autocuidado escolar.

LILACS	Programa Saúde na Escola: saberes e diálogos na promoção da educação sexual de adolescentes	SALVADOR; SILVA, 2018	Compreender como os profissionais da educação e da saúde desenvolvem a prática educativa para a promoção da educação sexual de adolescentes na perspectiva do Programa Saúde na Escola.	Pesquisa de natureza qualitativa, do tipo descritiva e exploratória com o método de Análise de Conteúdo	O estudo identificou desafios na formação de profissionais para desenvolver práticas educativas eficazes que promovam a saúde e previnam riscos entre os adolescentes. Uma limitação do estudo foi o recorte inicial a partir da perspectiva de enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família e professores do ensino básico, mas o programa em curso visava à integração entre os setores de saúde e educação para promover a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes.
BDEF	Diagnósticos de enfermagem de adolescentes escolares	LEAL et al., 2016	Analisar o perfil diagnóstico de adolescentes escolares.	Estudo do tipo metodológico	Os diagnósticos de enfermagem mais prevalentes foram de dor aguda (46%); nutrição desequilibrada mais do que as necessidades corporais (21%); disposição para nutrição melhorada (17,5%); dentição prejudicada (11,4%) e estilo de vida sedentário (10,5%).
LILACS, BDEF	Intervenção educativa sobre violência com adolescentes: possibilidade para a enfermagem no contexto escolar	BRANDÃO NETO et al., 2014	Realizar uma intervenção educativa com adolescentes sobre a violência no contexto escolar, utilizando a metodologia de Círculos de Cultura.	Pesquisa-ação de abordagem qualitativa	O uso do Círculo de Cultura permitiu que os adolescentes explorassem várias formas de descrever diversas faces de manifestação da violência, incluindo agressões físicas e verbais, ameaças contra professores, violência contra o patrimônio e práticas simbólicas de constrangimento.
LILACS, BDEF	Atuação dos enfermeiros de unidades básicas de saúde direcionada aos adolescentes com excesso de peso nas escolas	VIEIRA et al., 2014	Identificar a percepção dos enfermeiros das Unidades Básicas de Saúde sobre sua atuação na avaliação para excesso de peso em adolescentes nas escolas.	Estudo descritivo, qualitativo	O estudo identificou quatro principais temas relacionados às percepções das enfermeiras sobre o acompanhamento de adolescentes na Atenção Primária em Saúde, destacando lacunas na promoção da saúde e prevenção do excesso de peso, além da falta de colaboração entre serviços de saúde e instituições educacionais, limitando a assistência aos adolescentes.

Fonte: Produzida pelo autor

Identificou-se que dos 10 estudos selecionados, os periódicos com maiores números de publicações selecionadas foram a Base de Dados de Enfermagem (BDENF) Literatura Latino-Americana em Ciências em Saúde (LILACS) porém foram encontrados também estudos na Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), todas bases indexadas na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Quanto ao país de origem dos estudos, todos os artigos foram publicados no Brasil. Foram selecionados um estudo do ano de 2022 e 2021, dois estudos de 2020, dois de 2019, um de 2018, um do ano de 2016 e dois do ano de 2014 respectivamente.

A partir da leitura dos 10 estudos selecionados foi possível identificar seguintes eixos temáticos: práticas de saúde e educação na escola; cuidado com o adolescente; e metodologias de ações de profissionais de enfermagem.

A partir da análise dos estudos houve uma percepção de possíveis práticas de saúde e educação que podem ser empregadas no contexto escolar. Uma dessas práticas seria a maior integração entre profissionais de saúde e educadores. O estudo, que buscou compreender práticas em educação sexual na perspectiva do PSE, identificou desafios na formação de profissionais para desenvolver práticas educativas eficazes que promovam a saúde e previnam riscos entre os adolescentes. Desse

modo, a qualidade na formação dos profissionais, sejam eles educadores ou da área da saúde, podem auxiliar no processo de qualidade das práticas integradas (SALVADOR; SILVA, 2018).

Os estudos ainda trazem a importância de um acompanhamento pelos profissionais de saúde mais próximo, de discentes quando se trata de promoção de saúde. As práticas realizadas na escola devem priorizar a prevenção, com base no planejamento e ações continuadas de promoção, prevenção e educação, pautando sempre uma atuação multiprofissional. Desse modo, as práticas em saúde educação na escola, devem ser pautadas numa atuação integrada e múltipla, visando um cuidado da saúde do adolescente de forma ampla e direcionada (ASSUNÇÃO et al., 2020).

Além disso, Mendieta et al. (2019) pontuam que as práticas de saúde não podem estar associadas somente no foco da doença. Já Assunção et al. (2020) e Brandão Neto et al. (2014) destacam a importância de considerar as necessidades dos adolescentes na elaboração de práticas, considerando os contextos socioculturais, familiares e de vulnerabilidade em que esses adolescentes estão inseridos.

No que tange o cuidado com adolescentes, foi possível identificar as principais questões emergentes quando se fala de saúde. O estudo da Vieira et al. (2014) identificou quatro temas, de acordo com a percepção das enfermeiras sobre a atuação com adolescentes na avaliação do excesso de peso, que foram: dificuldades no acompanhamento de adolescentes na atenção primária em saúde, causas do aumento do excesso de peso na adolescência; ações de saúde realizadas nas escolas e estratégias de prevenção, identificação e intervenção em casos de excesso de peso entre adolescentes nas escolas.

Esses quatro eixos foram discutidos por Vieira et al. (2014) destacando a ausência dos adolescentes nos serviços de saúde e a baixa articulação com as escolas para o desenvolvimento de estratégias e ações. No entanto, Mendieta et al. (2019) destacam que o desenvolvimento dessas ações que incentivam a participação desses adolescentes nos serviços de saúde pode ser encarado como um desafio para o cuidado efetivo quando se trata de questões como o excesso de peso, do risco de desenvolvimento de transtorno alimentares e na identificação de patologias e comportamentos de risco para a saúde dos alunos.

Nesse mesmo eixo, Rocha et al. (2022) encontraram uma alta prevalência de insatisfação corporal de adolescentes, apresentando-se de formas diferentes entre meninos e meninas e classes sociais. A insatisfação por sobrepeso foi maior nas meninas (41,5%) e por baixo peso nos meninos (33,1%). Os autores ainda identificaram que dos 69,9% dos adolescentes que relataram insatisfação corporal, 35,67% utilizaram álcool no último ano. Esse dado demonstra a importância em pensar em um cuidado que considere os diversos contextos sociais e que seja intersetorial, pautado na relação e monitoramento dos diversos equipamentos da rede, visto que somente as escolas e UBS, não conseguem sozinhas lidar com o uso de drogas e álcool na adolescência (ROCHA et al. 2022).

Foi possível ainda, analisar por meio dos estudos de Leal et al. (2016) os diagnósticos mais frequentes entre adolescentes. Esses diagnósticos são compostos

por 46% para dor aguda; 21% para nutrição desequilibrada mais do que as necessidades corporais à disposição; 17,5% para nutrição melhorada; 11,4% para dentição prejudicada e 10,5% para estilo de vida sedentário. Os fatores relacionados ao diagnóstico foram, a prevalência de agentes lesivos (biológico, físico e psicológico), (46%); seguido de ingestão excessiva em relação às necessidades metabólicas (5%); higiene oral ineficaz (11,4%) e da falta de interesse (10,5%). É possível identificar que existe uma necessidade de ações de promoção de saúde, capazes de identificar tanto esses processos patológicos de saúde quanto processos sociais.

No que tange aos processos sociais, Brandão Neto et al. (2014) identificam alguns pontos críticos na vivência escolar cotidiana que podem influenciar no aumento da violência e gerar adoecimento, como a qualidade do ensino, as relações sociais e o preparo do corpo docente para lidar com situações de: conflito, estrutura e recursos físicos da escola. O processo de intervenção do estudo permitiu que os alunos conseguissem identificar e descrever as diferentes formas de manifestação da violência. Embora a violência não seja compreendida como um problema de saúde por muitos indivíduos, e sim como uma questão social, ela deve ser encarada como uma questão de saúde coletiva e estar inserida no planejamento de cuidado da saúde dos adolescentes (BRANDÃO NETO et al., 2014).

Se tratando ainda, do cuidado com o adolescente em diferentes contextos, devem ser considerados e realizados, um trabalho que seja conjunto com eles. De acordo com Milosky et al. (2020), Silva et al. (2021) e Salvador e Silva (2018) uma construção do cuidado deve ser feita com profissionais de saúde, alunos, neste caso, os adolescentes e educadores, para que as ações sejam de fato eficazes. Nesta perspectiva, segundo o estudo realizado por Faial et al. (2019), os depoimentos dos adolescentes que participaram do estudo relataram uma percepção de saúde escolar relacionada com a promoção da saúde, dando uma valorização para práticas saudáveis como, atividade física, alimentação de qualidade, cuidado em higiene bucal e pessoal, o que demonstra a importância de práticas conjuntas com educação, família e saúde.

No que tange às metodologias de ações e atuação dos profissionais de enfermagem, é necessário ressaltar sua importância nas políticas de saúde coletiva realizadas com adolescentes. Segundo estudos de Silva et al. (2021), esses profissionais são os que mais estão inseridos na ESF, além da importância do trabalho desenvolvido na promoção de hábitos e estilos de vida que sejam mais saudáveis, modificados condições sociais e ambientais do território em que estão inseridos. Devido a isso, é importante pensar em metodologias de ação que podem ser utilizadas na atuação dos profissionais de enfermagem no cuidado com adolescentes.

Os estudos de Silva et al. (2021) e Leal et al. (2016) indicam a importância dos diagnósticos precoces e promoção de cuidados pautados nessas necessidades como principal instrumento de cuidado pelos enfermeiros. Ambos os autores indicam que esses diagnósticos devem ser pautados em uma escuta ativa e sensível e sem julgamentos para que a partir disso, sejam realizados planejamentos juntamente com a equipe multidisciplinar de estratégias de ações e cuidados pautadas nas necessidades encontradas.

Nos dados encontrados por Assunção et al. (2020) foi possível analisar a utilização de metodologias como jogos educativos, slides com imagens e trabalhos em grupos com atividades lúdicas realizadas pelos profissionais de enfermagem, com o intuito de tratar sobre os temas pertinentes. Milosky et al. (2020) complementam que os profissionais de enfermagem da Atenção Básica e que atuam no PSE podem colaborar com a promoção da saúde entre os jovens, trabalhando em parceria com professores escolares, educadores e espaços socioeducativos. Utilizando estratégias de arte e educação, criando experiências que estimulem o autocuidado, aumentam a conscientização e promovem a autonomia dos adolescentes.

No que se refere à atuação de profissionais de enfermagem, todos os artigos citam a importância do cuidado em rede e multidisciplinar, não sendo de responsabilidade única da enfermagem, mas que deve ser realizada em conjunto com outros profissionais de saúde, educadores, comunidade e os próprios adolescentes (ROCHA et al., 20220; SILVA et al., 2021; ASSUNÇÃO et al., 2020; MILOSKY et al., 2020; FAIAL et al., 2019; MENDIETA et al., 2019; SALVADOR; SILVA et al., 2018; LEAL et al., 2016; BRANDÃO NETO et al., 2014; VIEIRA et al., 2014).

CONCLUSÃO

Com a realização deste estudo fica claro que o ambiente escolar é um local adequado para a prática da educação em saúde. Foi possível identificar a necessidade de uma abordagem integrada e multidisciplinar no cuidado com adolescentes, envolvendo diversos profissionais de saúde como: psicólogos, assistentes sociais, profissionais de enfermagem, médicos, educadores, famílias e a própria comunidade. Desse modo, enfatiza-se a importância da atuação dos profissionais de enfermagem na implementação de ações e educação em saúde, tanto no ambiente escolar quanto nas UBS.

De acordo com os resultados dessa pesquisa, é possível refletir que as práticas em saúde e educação nas escolas necessitam envolver ações de planejamento, para que ocorra promoção de saúde e prevenção de forma eficaz. Essas práticas precisam ser pensadas de acordo com as necessidades dos adolescentes, considerando o seu contexto de vida.

Além disso, notou-se a necessidade da prática da educação continuada para os profissionais que atuam nesses espaços, a fim de aprimorar suas habilidades de comunicação e facilitar a identificação de possíveis enfermidades e outros diagnósticos. Dessa forma, é possível contribuir para uma melhor implementação de estratégias de cuidado eficazes voltadas para a promoção e prevenção em saúde dos adolescentes.

Em suma, dada a importância da temática retratada, constatou-se a necessidade de novas pesquisas mais aprofundadas sobre o assunto. Assim, cabem às instituições de saúde e de ensino incentivarem os profissionais e estudantes da área da saúde a realizarem novos estudos e cursos preparatórios voltados a educação em saúde nas escolas.

REFERÊNCIAS

ARANTES J. R. Anorexia nervosa: A mente que desmente. **Psicologia Pt**, 2011. Disponível em: http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A05_60.pdf. Acesso em: 11 set. 2023.

ASSUNÇÃO, M. L. DE B. et al. Educação em saúde: a atuação da enfermagem no ambiente escolar. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. [1-8], 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1096986> Acesso em: 05 out.2023.

BRANDÃO NETO, W. et al. Intervenção educativa sobre violência com adolescentes: possibilidade para a enfermagem no contexto escolar. **Escola Anna Nery**, v. 18, p. 195–201, 2014. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-709673> Acesso em: 09 out. 2023.

BRANDT, L. M. T. et al. Risk Behavior For Bulimia Among Adolescents. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 37, n. 2, p. 217–224, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/v5LCmGNqPTTcnjwLr7kr33w/?lang=en> Acesso em: 22 out. 2023.

BRASIL, Eysler G. M. et al. Promoção da saúde de adolescentes e Programa Saúde na Escola: complexidade na articulação saúde e educação. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 51, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-956657> Acesso em: 02 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e Cuidar da Saúde do Adolescente na Atenção Básica**. Editora do Ministério da Saúde. 2ª edição – 2018. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica_2ed.pdf Acesso em: 10 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem.** – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf Acesso em: 27 ago. 2023.

BRITO, I. Ansiedade e depressão na adolescência. **Revista Portuguesa de Clínica Geral**, 27(2), 2019. Disponível em: <https://rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/10842> Acesso em: 12 set. 2023.

CARVALHO, L. G. L.; JARDIM, M.C.; GUIMARÃES, A. P. M. Educação sexual na perspectiva dos temas transversais: uma revisão de literatura. **Educationis**, v.7, n.2, p.19-29,2019. Disponível em:

<https://www.sustenere.co/index.php/educationis/article/download/CBPC2318-3047.2019.002.0003/1834> Acesso em: 8 set. 2023

COSTA, Gilberto Martins; FIGUEREDO, Rogério Carvalho de; RIBEIRO, Mirelly da Silva. A importância do enfermeiro junto ao PSE nas ações de educação em saúde em uma escola municipal de Gurupi–TO. **Revista Científica do ITPAC**, v. 6, n. 2, p.1-12, 2013. Disponível em: <https://assets.unitpac.com.br/arquivos/Revista/62/6.pdf> Acesso em: 18 set. 2023.

DAVIM, R. M. et al. Adolescente/adolescência: revisão teórica sobre uma fase crítica da vida. **Rev Rene**, v. 10, n. 2, p. 131–140, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/12795>. Acesso em: 16 set. 2023.

DIAS, Ernandes G. et al. A educação em saúde sob a ótica de usuários e enfermeiros da Atenção Básica. **Saúde e Desenvolvimento Humano**, v. 10, n. 1, 2022. Disponível em: https://revistas3.unilasalle.edu.br/index.php/saude_desenvolvimento/article/view/716 Acesso em: 25 ago. 2023.

DOS ANJOS, Jussara S. M. et al. Educação em saúde mediante consultas de enfermagem na escola. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Gama-DF, v. 15, n. 4, p.e10150-e10150, 2022. D

FAIAL, L. C. M. et al. Health in the school: perceptions of being adolescent. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, n. 4, p. 964-972, ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/gc5SdqksWXXMqFp3qnR9ZMt/?lang=en> Acesso em: 20 out. 2023.

FARIAS, Cintia Alves; NOGUEIRA, Lucas Tavares. Ações da enfermagem na prevenção ao suicídio em adolescentes na estratégia saúde da família. **Repositório alfaunipac**, [S. l.], p. 1-14, 10 ago. 2019. Disponível em: [https://repositorio.alfaunipac.com.br/publicacoes/2019/56_academica_do_9o_peri od o_do_curso_de_enfermagem_da_universidade_preside.pdf](https://repositorio.alfaunipac.com.br/publicacoes/2019/56_academica_do_9o_peri_od_o_do_curso_de_enfermagem_da_universidade_preside.pdf). Acesso em: 3 set.2023.

FARIAS, Isabelle Carolline Veríssimo de et al. Análise da intersectorialidade no Programa Saúde na Escola. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, p. 261-267, 2016. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-792682> Acesso em: 29 set. 2023.

FERNANDES, Joelma R. et al. Educação em Saúde: o papel do enfermeiro como educador em saúde no cenário de IETC. **Revista da JOPIC**, v. 2, n. 4, 2019. Disponível em: <https://www.unifeso.edu.br/revista/index.php/jopic/article/view/928> Acesso em: 26 set. 2023.

FERREIRA L.F.O, et al. Percepção de adolescentes sobre o consumo de álcool. **Rev. Enferm. UFPI**. 2019 Acesso em: 17 abr, 2023 ;8(2):18-24. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/reufpi/article/download/7737/pdf> Acesso em: 06 set. 2023.

FIRMINO, Raquel Lara Barros Mendonça et al. Saúde mental e a teoria de Peplau uma influência essencial. **Saúde em foco**, [S. l.], p. 1-10, 12 jun. 2018. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wpcontent/uploads/sites/10001/2018/06/045_sau de_mental_teorias_peplau.pdf. Acesso em: 1 out. 2023.

FREIRE, P. Educação e mudança. 30ª ed. Rio de Janeiro: **Editora Paz e Terra**, 2007.

GONÇALVES, Romário et al. Educação em saúde como estratégia de prevenção e promoção da saúde de uma unidade básica de saúde. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 3, p. 5811-5817, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/11122>. Acesso em: 24 set. 2023.

GUEDES, P.; ALMEIDA, K.; MORAES, L. A prevalência da obesidade infantil entre os alunos do ensino fundamental nas escolas da rede pública: Revisão sistemática da literatura. **Revista Arquivos Científicos (IMMES)**, v. 2, n. 2, p. 36-40, 21 nov. 2019. Disponível em: <https://arqcientificosimmer.emnuvens.com.br/abi/article/view/21778>. Acesso em: 15 set. 2023.

GUIMARÃES, de Jesus Junior et al. O protagonismo do enfermeiro no ambiente escolar: a educação em saúde pode salvar vidas. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 11, n. 1, pág. e22711124739-e22711124739, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24739>. Acesso em: 19 set. 2023.

LEAL, F. K. F. et al. Diagnósticos de enfermagem de adolescentes escolares. **Rev. enferm. UFPE** on line, p. 3576–3584, 2016. Disponível em: <https://p>

LEAVELL, H.; CLARK, E.G. Medicina Preventiva. São Paulo: **McGraw-Hill**, 1976.

MARCONDES R. J. Educação em saúde na escola. **Revista Saúde Pública**. São Paulo, 6:89-96, 1972. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101972000100010> Acessos em: 5 out. 2023.

MENDES, K. D. S. et al. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 6 set. 2023.

MENDIETA, M. DA C. et al. Ações de autocuidado na saúde escolar: revisão integrativa. **Rev. baiana enferm**, p. e31799–e31799, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1098733> Acesso em 22 out. 2023.

MILOSKY, J. P. et al. Subjetividades de adolescentes face à promoção da saúde: contribuições para a enfermagem. **rev. cuid.** (Bucaramanga. 2010), p. e895–e895, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1118242> Acesso em: 22 out. 2023.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. OMS: suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo. **Nações Unidas Brasil**, Brasília, 12 set. 2016. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/74254-oms-suic%C3%ADdio-%C3%A9-respons%C3%A1vel-por-uma-morte-cada-40-segundos-no-mundo>. Acesso em: 15 set. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Estratégia e plano de ação para a saúde do adolescente e do jovem: relatório final. **57º Conselho Diretor da OPAS, 71ª Sessão do Comitê Regional da OMS para as Américas**; 30 de setembro a 4 de outubro de 2019; Washington, DC. Washington, DC: OPAS; 2019 (documento CD57/8). Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/51633/CD57-INF-8-p.pdf?sequence=3>. Acesso em: 5 set 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (Brasil). Uma em cada 100 mortes ocorre por suicídio, revelam estatísticas da OMS. **Organização Pan-Americana de saúde**, [S. l.], 17 jun. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>. Acesso em: 15 set. 2023.

PEREIRA, Anabela F.; ESCOLA, Joaquim J. J.; ALMEIDA, Carlos M. T. Educação em saúde para a criança/jovem/família: necessidades formativas dos enfermeiros. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 34, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/35273> Acesso em: 28 set. 2023.

ROCHA, R. P. et al. Body dissatisfaction, drug use, and associated factors among adolescents in three Brazilian cities. **Revista Latino-Americana De Enfermagem**, v. 30, n. spe, p. e3664, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rlae/a/Nd4qGZwsftYrhwTCxqYCD3n/abstract/?lang=en> Acesso em: 19 set. 2023.

- ROSA E. F. et al. Considerações sobre a enfermagem na escola e suas práticas educativas. **HOLOS**, 2000, 2(1), p. 1-10.
- SAITO Maria. I. LEAL Marta M. Educação sexual na escola. **USP- Pediatria (SãoPaulo)** 2000, 2(1), p. 1-10. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-279804> Acesso em: 9 set. 2023.
- SALVADOR, M.; SILVA, E. M. Programa Saúde na Escola: saberes e diálogos na promoção da educação sexual de adolescentes. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, v. 12, n. 1, p. Pág. 73-82, 4 dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18569/tempus.v10i4.2522> Acesso em: 29 set. 2023.
- SANTOS, Jaqueline Silva et al. Processo de comunicação em saúde da enfermagem com o adolescente: abordagem do Event History Calendar. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2020, 74(1), p. 1-10. DOI: 10.1590/0034-7167-2020-0011
- SILVA, A. DE A. et al. Health promotion actions in the School Health Program in Ceará: nursing contributions. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, 24 mar. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/9tgd3GzTszC4s5fPGkQXxLj/> Acesso em: 28 out. 2023.
- VIEIRA, C. E. N. K. et al. Atuação dos enfermeiros de unidades básicas de saúde direcionada aos adolescentes com excesso de peso nas escolas. **REME rev. min. enferm**, p. 630–636, 2014. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-766032>. Acesso em: 22 out.2023.